nara roesler

ruído estelar

curadoria luis pérez-oramas
núcleo curatorial nara roesler

abraham palatnik
amelia toledo
artur lescher
brígida baltar
bruno dunley
cao guimarães
heinz mack
julio le parc
laura vinci
mo toledo
mônica ventura
paulo bruscky
rodolpho parigi
tomás saraceno
tomie ohtake

abertura
7 de junho, 2025

exposição
7 jun – 16 ago, 2025

ruído estelar

curadoria luis pérez-oramas
núcleo curatorial nara roesler

A música das estrelas foi ouvida — identificada e registrada — pela primeira vez em 16 de setembro de 1932, às 19h10, nos campos de Nova Jersey.

Karl Jansky, físico e engenheiro especializado em ondas de rádio, empregado pelos Laboratórios Bell Telephone, tinha a tarefa de estudar as fontes de interferência "estática" nas comunicações radiotelefônicas transatlânticas.

Para fazer isso, Jansky construiu um dispositivo receptor de ondas de rádio, uma espécie de "engenhoca", montado sobre duas plataformas giratórias apoiadas por quatro rodas de Ford Modelo T. Ao longo de três anos, Jansky conseguiu definir três tipos de recepções estáticas: tempestades próximas, tempestades distantes e o que ele chamou de "um chiado persistente, também de origem estática, cuja fonte é desconhecida".

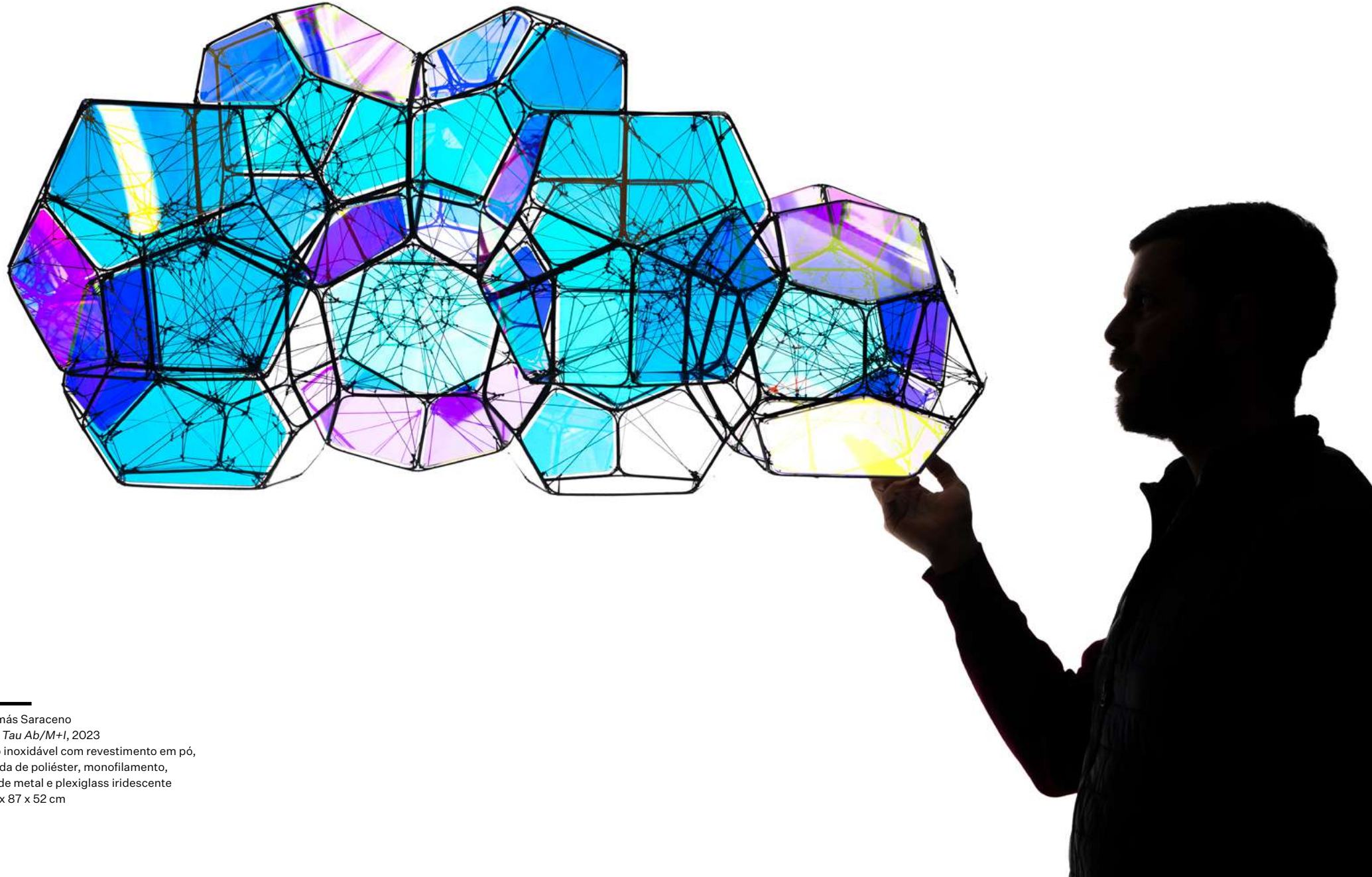
Com sua antena giratória, no entanto, Jansky pôde identificar a direção de onde os sinais estavam vindo. O estranho chiado ocorria exatamente a cada 23 horas e 56 minutos — quatro minutos a menos que um dia solar — correspondendo assim à duração de um dia sideral. A maior intensidade registrada em 16 de setembro de 1932 permitiu-lhe sugerir que a origem do ruído não vinha do sistema solar, mas do centro da Via Láctea, na constelação de Sagitário. Alguns dias depois, Jansky afirmou que as ondas de rádio que ele havia captado realmente vinham do "centro de gravidade da galáxia".

Anos depois, em 1974, no Observatório Nacional de Radioastronomia, Bruce Balick e Robert Brown descobriram o objeto no centro da Via Láctea de onde se originava o chiado que Jansky havia registrado: Sagitário A*, o imenso buraco negro, resultado de um colapso estelar, 4 milhões de vezes mais massivo que o sol que ancora a constelação galáctica onde nosso sistema solar está localizado.

O ruído das estrelas é o leve chiado de um passado sideral, o traço deixado pelos holocaustos de origem, que primeiro nos alcançou através da antena de Jansky. Desde então, outras canções tênues foram registradas: ressonâncias cósmicas de fundo ou, mais recentemente, o minúsculo ruído de dois buracos negros massivos colapsando a bilhões de anos de distância — a certeza de que ondas gravitacionais existem em um espaço-tempo curvo pelo efeito de massas astrais. Mas mesmo os cientistas mais experientes não sabem o que acontece dentro de um buraco negro. Alguns pensam que tempo e espaço podem de fato se dissolver ali, perdendo toda a orientação.

Ruído Estelar não pretende estabelecer nenhuma relação necessária entre arte e ciência, beleza e cosmologia. Partindo das obras de Laura Vinci, Abraham Palatnik, Tomás Saraceno, Tomie Ohtake, Bruno Dunley, Monica Ventura, Artur Lescher, Cao Guimarães, Paulo Bruscky, Rodolpho Parigi e Julio Le Parc, o projeto busca sugerir uma cena análoga em que as obras de arte seriam objetos que, como as antenas de Jansky, capturam ressonâncias de fundo de seus próprios campos figurais.

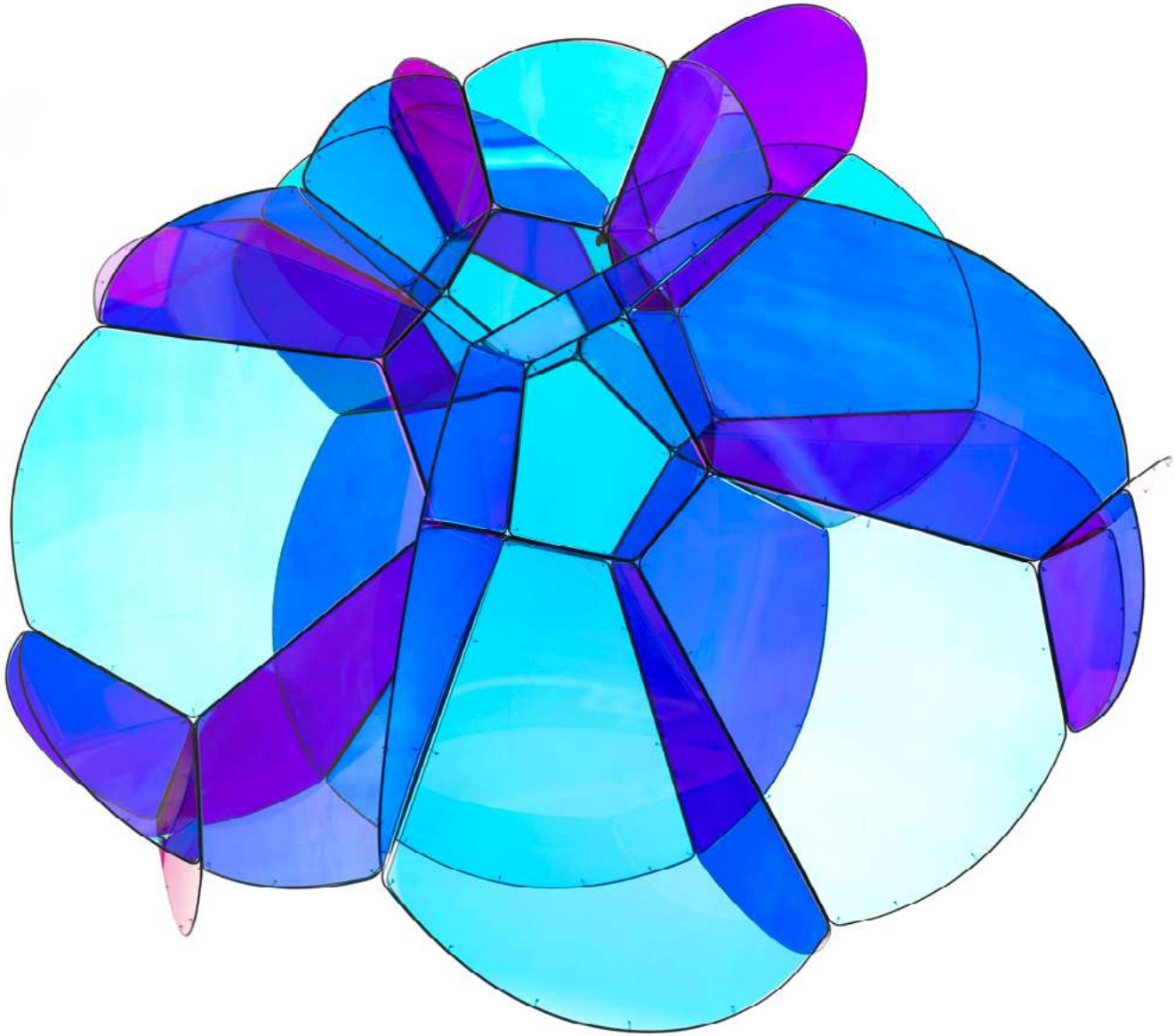
Seja por imitarem a aparência de dispositivos técnicos (Saraceno, Vinci, Ventura, Lescher); ou por apresentarem composições semelhantes à representação e ao registro de ressonâncias cósmicas (Le Parc, Dunley, Palatnik, Ohtake, Parigi); ou por incluírem, com tons irônicos, referências a rádio e antenas de rádio (Guimarães, Bruscky), as obras de *Ruído Estelar* constituem um conjunto metafórico que sugere que talvez o mundo das formas artísticas — recipientes eles próprios de energias vitais e mnemônicas — possa ser compreendido em termos de "campos" ressonantes, como a realidade que nos é revelada pela física. Esses seriam campos de "figurabilidade" onde as formas nunca cessam de emergir, carregando dentro de si a ressonância de outras formas — consciente ou inconscientemente, passadas ou presentes, esquecidas ou inesquecíveis — em um constante exercício de tornar atual a energia figural que as constitui e que nunca cessa de se transformar, de se transfigurar.



Tomás Saraceno
HQ Tau Ab/M+I, 2023
aço inoxidável com revestimento em pó,
corda de poliéster, monofilamento,
fio de metal e plexiglass iridescente
54 x 87 x 52 cm

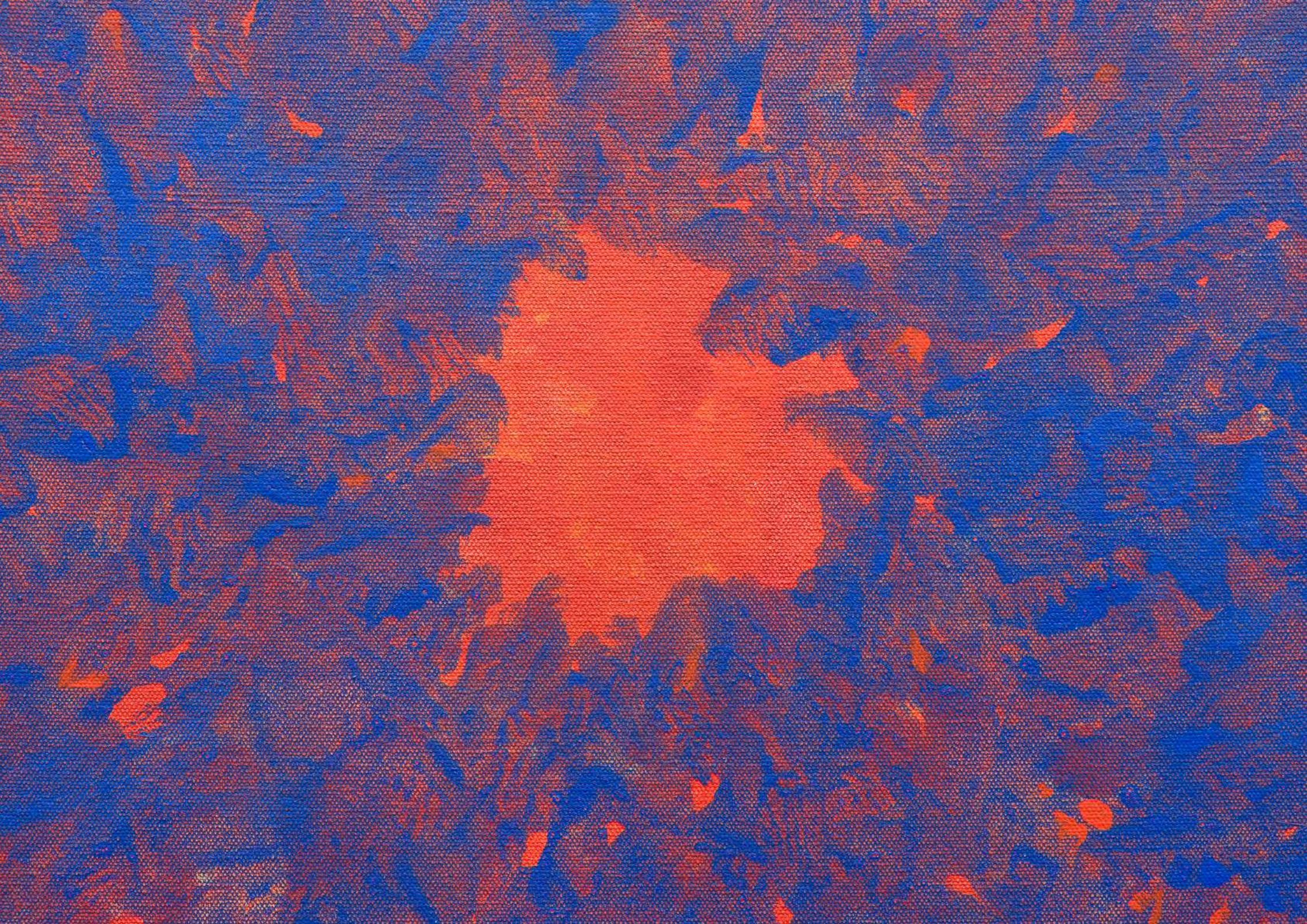
Rodolpho Parigi
VNS, 2023/2024
tinta óleo sobre linho
120 x 100 x 3,5 cm

mais sobre rodolpho parigi →



Tomás Saraceno
Foam SB 128/45b, 2024
aço inoxidável com revestimento em pó,
plexiglass iridescente e monofilamento
45 x 80 x 54 cm

Tomie Ohtake
Sem título, 2004
tinta acrílica sobre tela
100 x 100 x 3,3 cm

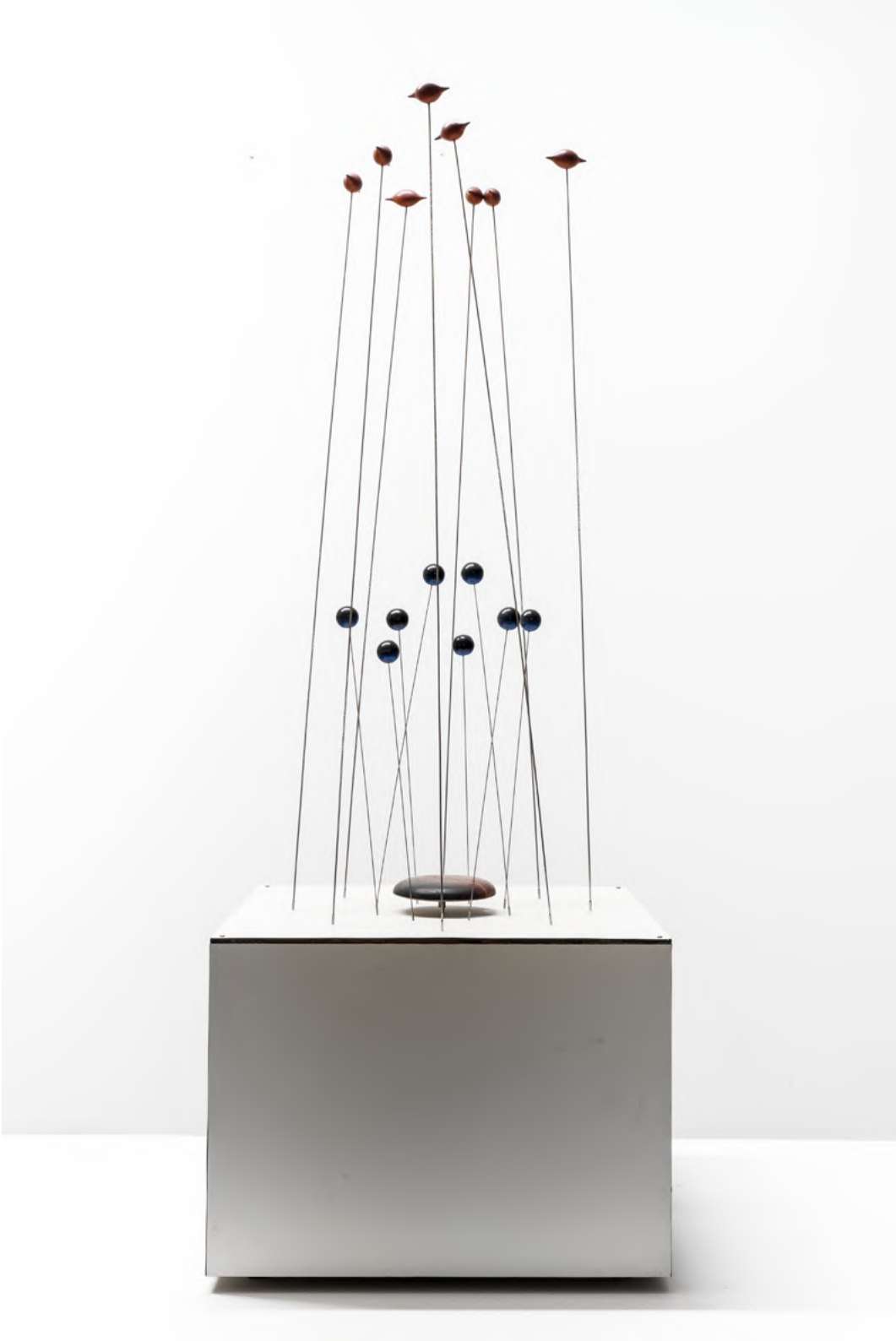


Tomie Ohtake
Sem título, 1993
tinta acrílica sobre tela
100 x 100 x 3,3 cm

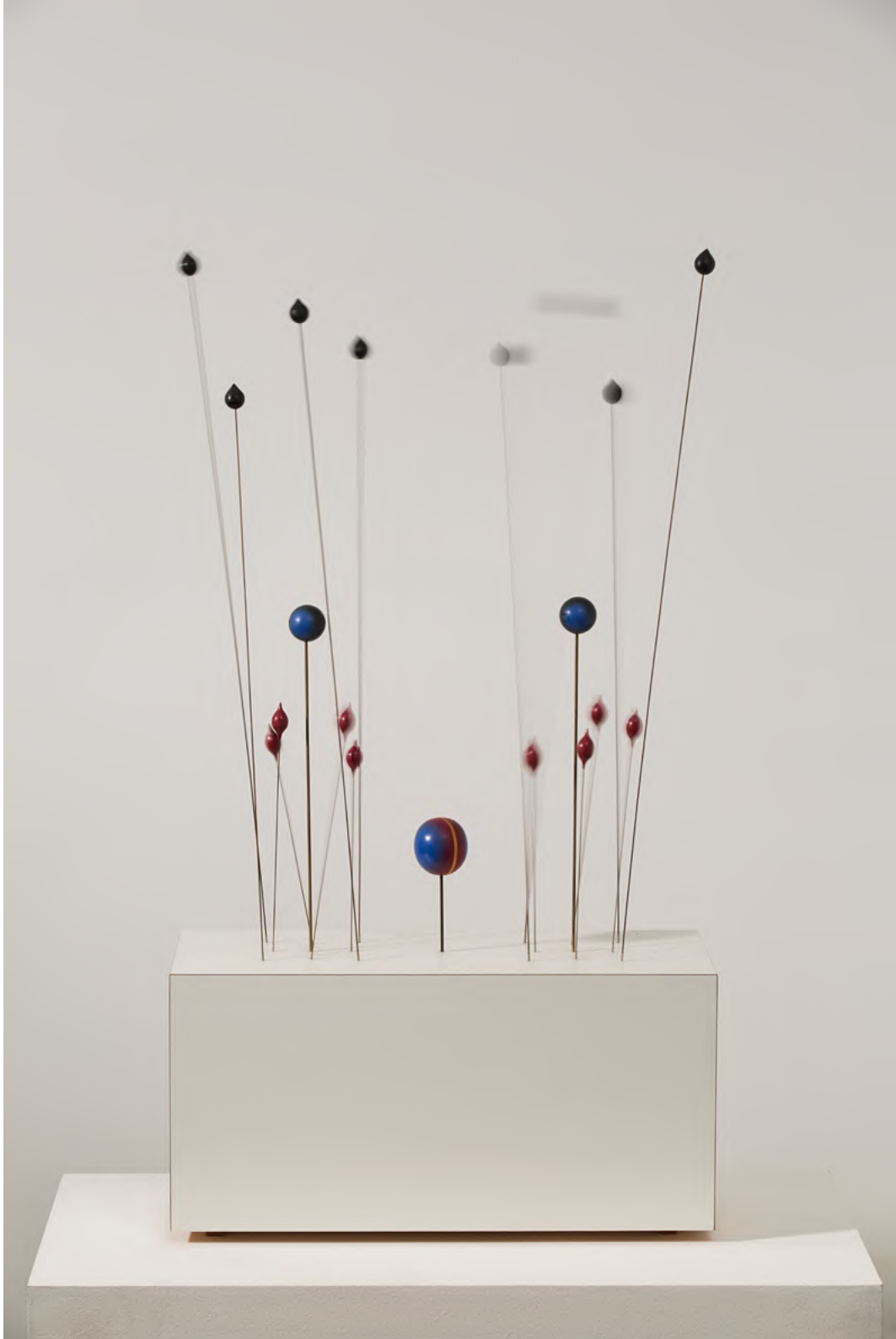
mais sobre tomie ohtake →

Artur Lescher
Caio, 2024
madeira e cabo de aço
edição de 5 + 2 PA
230 x 12 cm

Abraham Palatnik
Objeto Cinético, 2000
tinta industrial, madeira,
metal, imãs e motor
100 x 36,4 x 36,4 cm



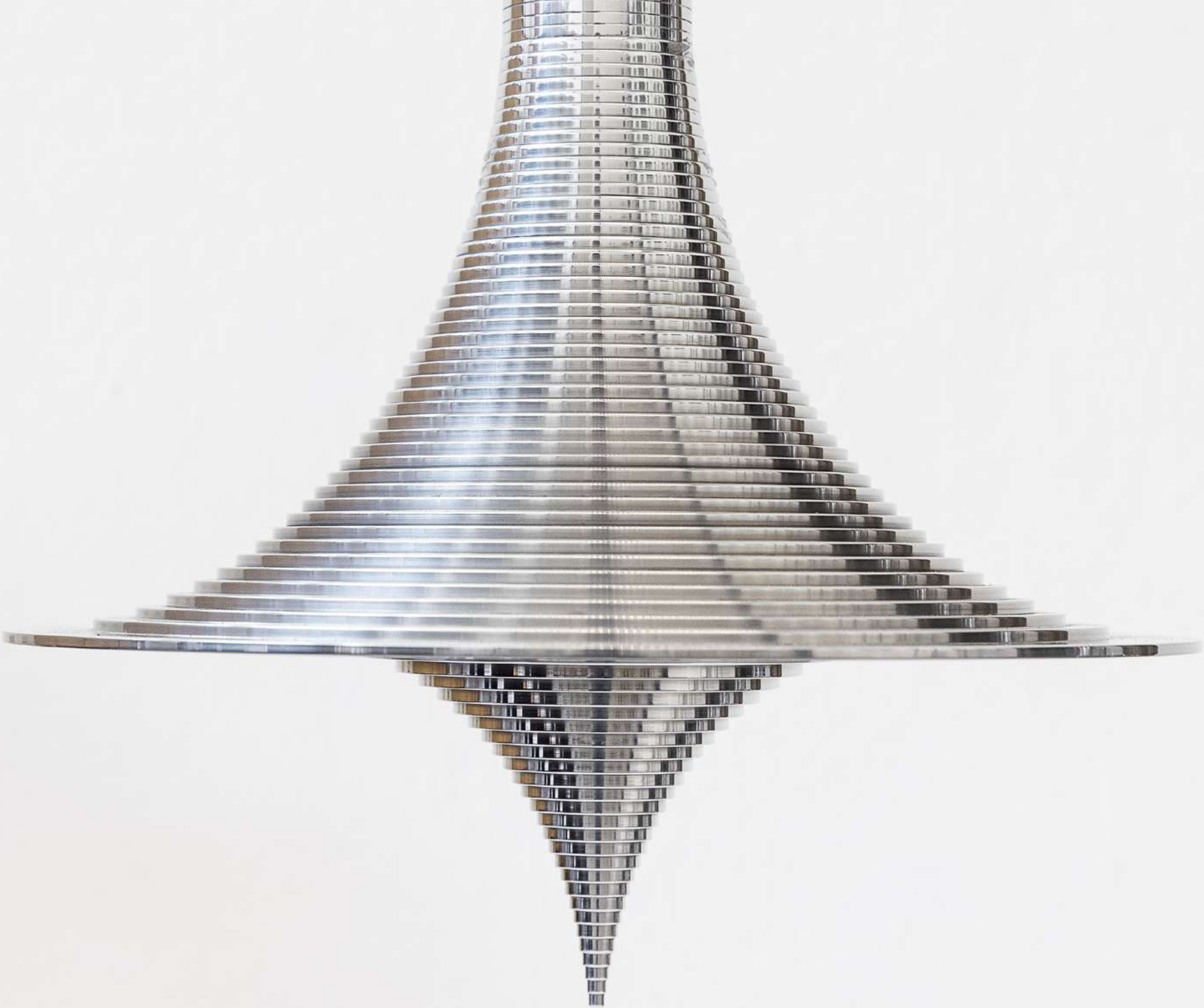
Abraham Palatnik
Objeto cinético P-28, 1971/ 2000
madeira, fórmica,
acrílico, metal e motor
100 x 54 x 23 cm



Cao Guimarães
Gambiarra # 118, 2024
impressão digital sobre papel
Hahnemühle Photo Rag 305
100 x 66 cm

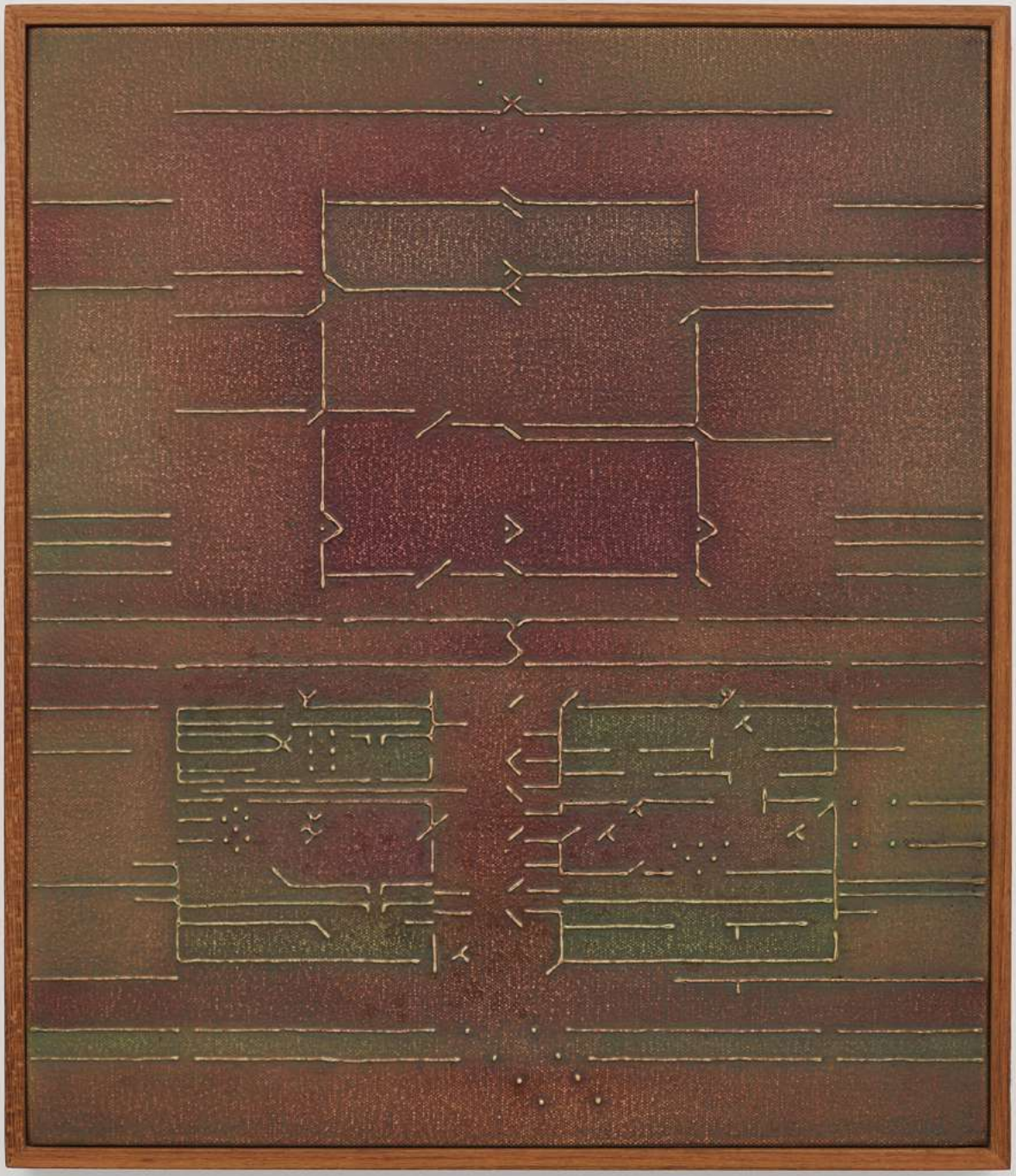
mais sobre cao guimarães →

Artur Lescher
Zu baixa, 2022
alumínio e cabo de aço
edição de 5 + 2 PA
300 x Ø 40 cm



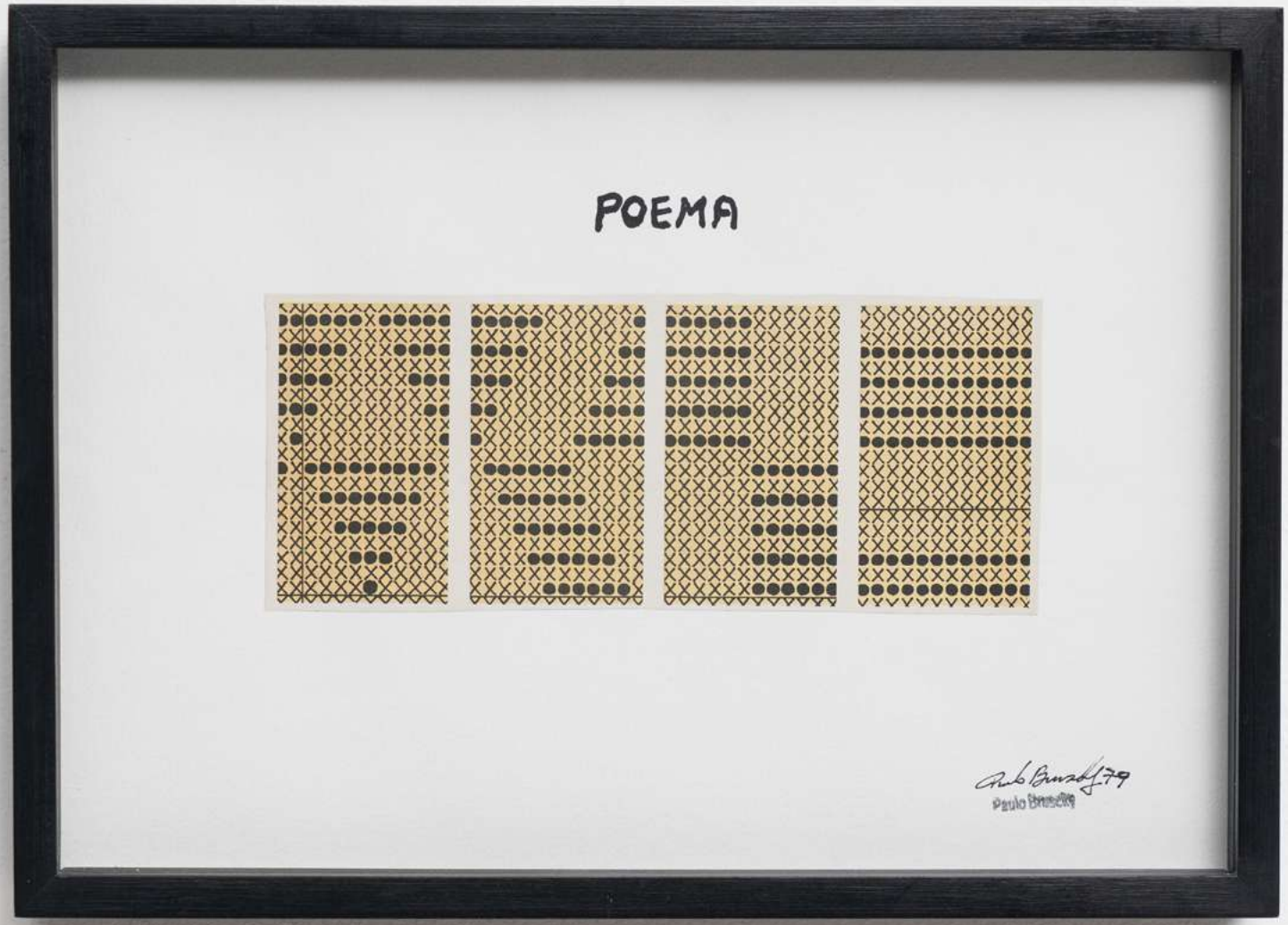
Artur Lescher
Hélix, 2023
latão e linhas de multifilamento
edição de 5 + 2 PA
194 x 116 x 116 cm

mais sobre artur lescher →



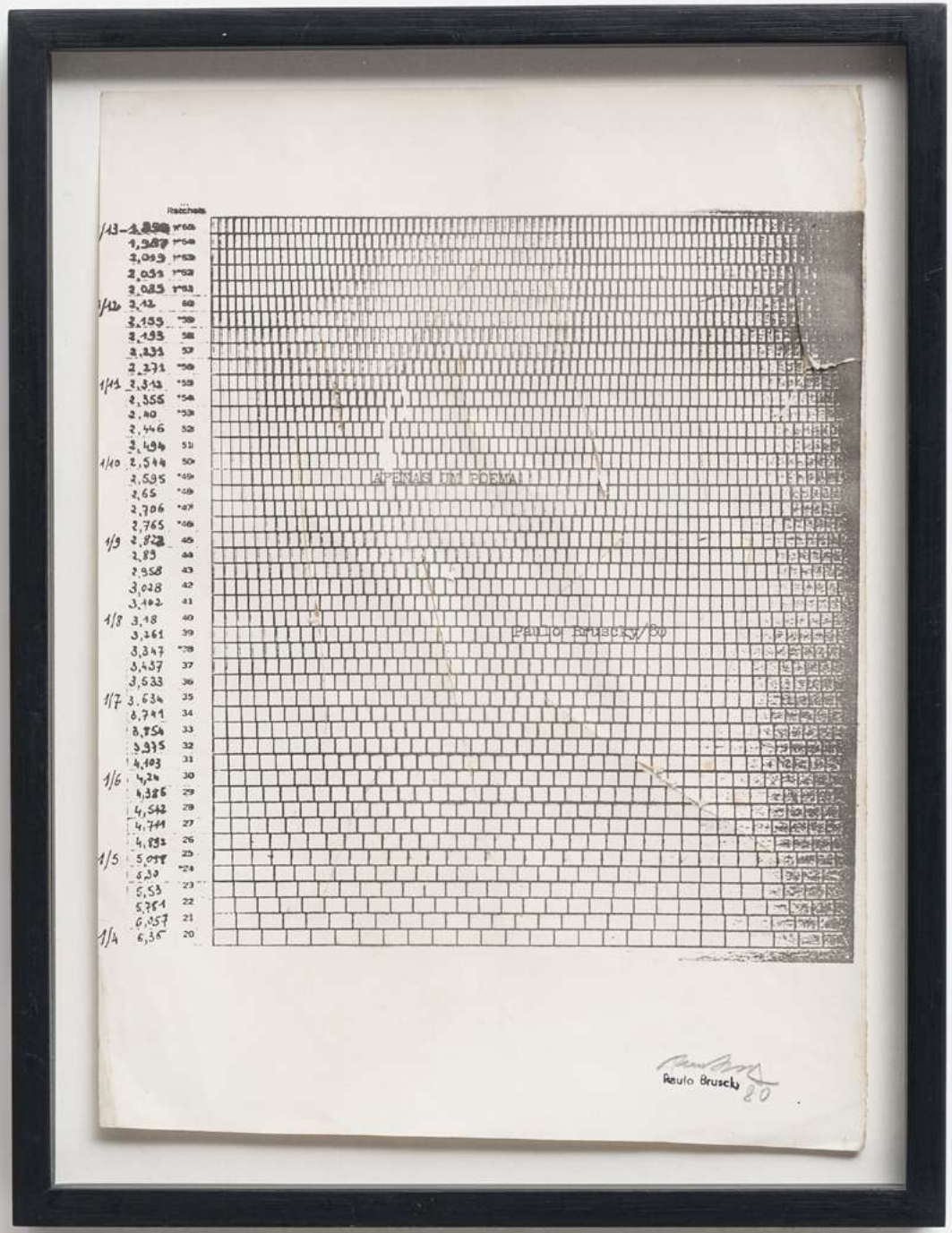
Abraham Palatnik
Sem título, 1996
tinta óleo sobre tela
40,5 x 34,6 x 3 cm

mais sobre abraham palatnik →



Paulo Bruscky
Sem título, 1979
colagem sobre papel
21 x 29,8 cm

Paulo Bruscky
Apenas um poema, 1980
datilografia e incisões
sobre impressão offset
28 x 20 cm



	Ratchets
1,858	*65
1,987	*64
2,019	*63
2,051	*62
2,085	*61
2,12	60
2,155	*59
2,193	58
2,231	57
2,271	*56
2,312	*55
2,355	*54
2,40	*53
2,446	52
2,494	51
2,544	50
2,595	*49
2,65	*48
2,706	*47
2,765	*46
2,823	45
2,89	44
2,958	43
3,028	42
3,102	41

APENAS UM POEMA

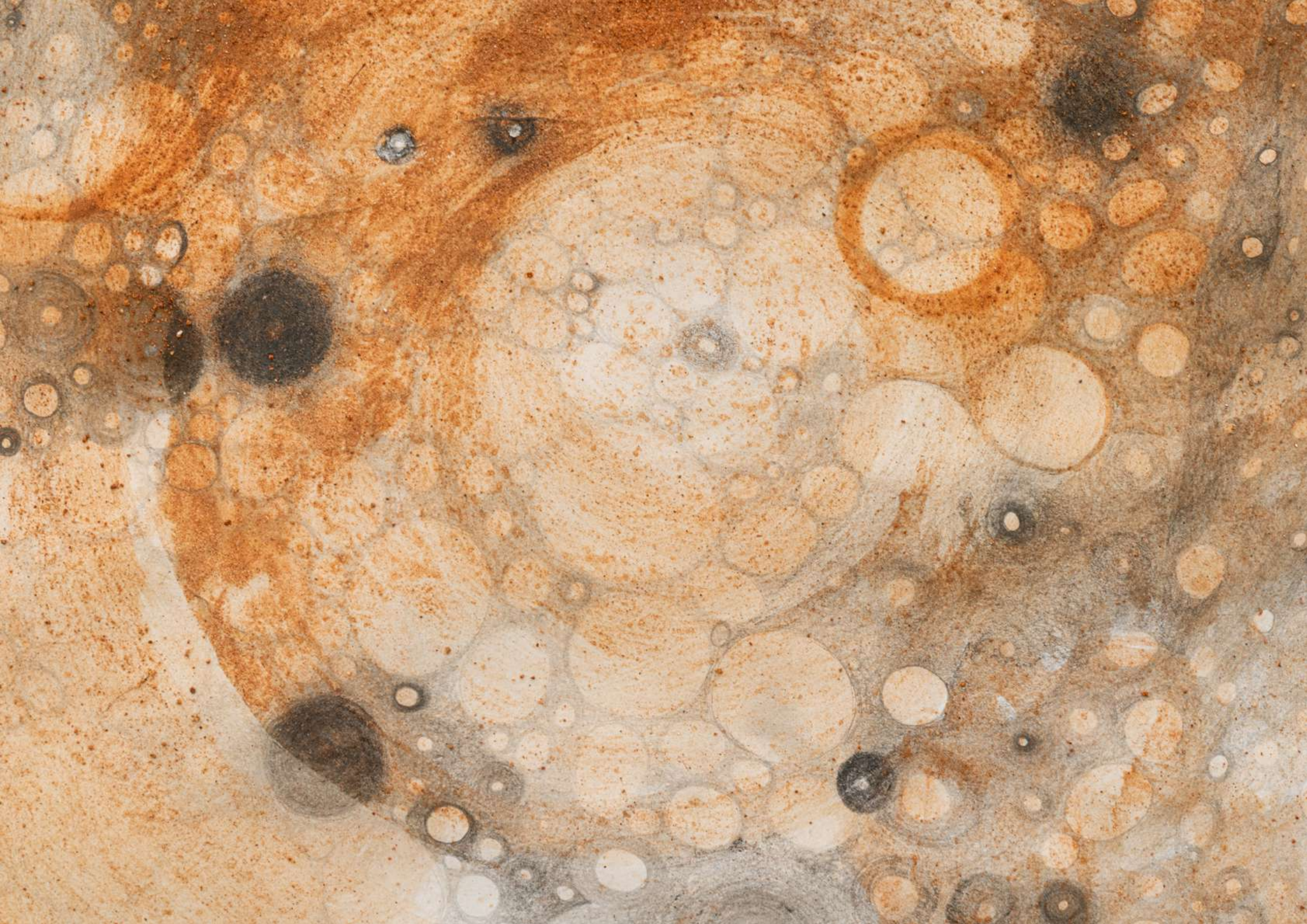
Paulo Bruscky
Sem título, 1986
impressão offset sobre papel
33 x 24 cm

mais sobre paulo bruscky →

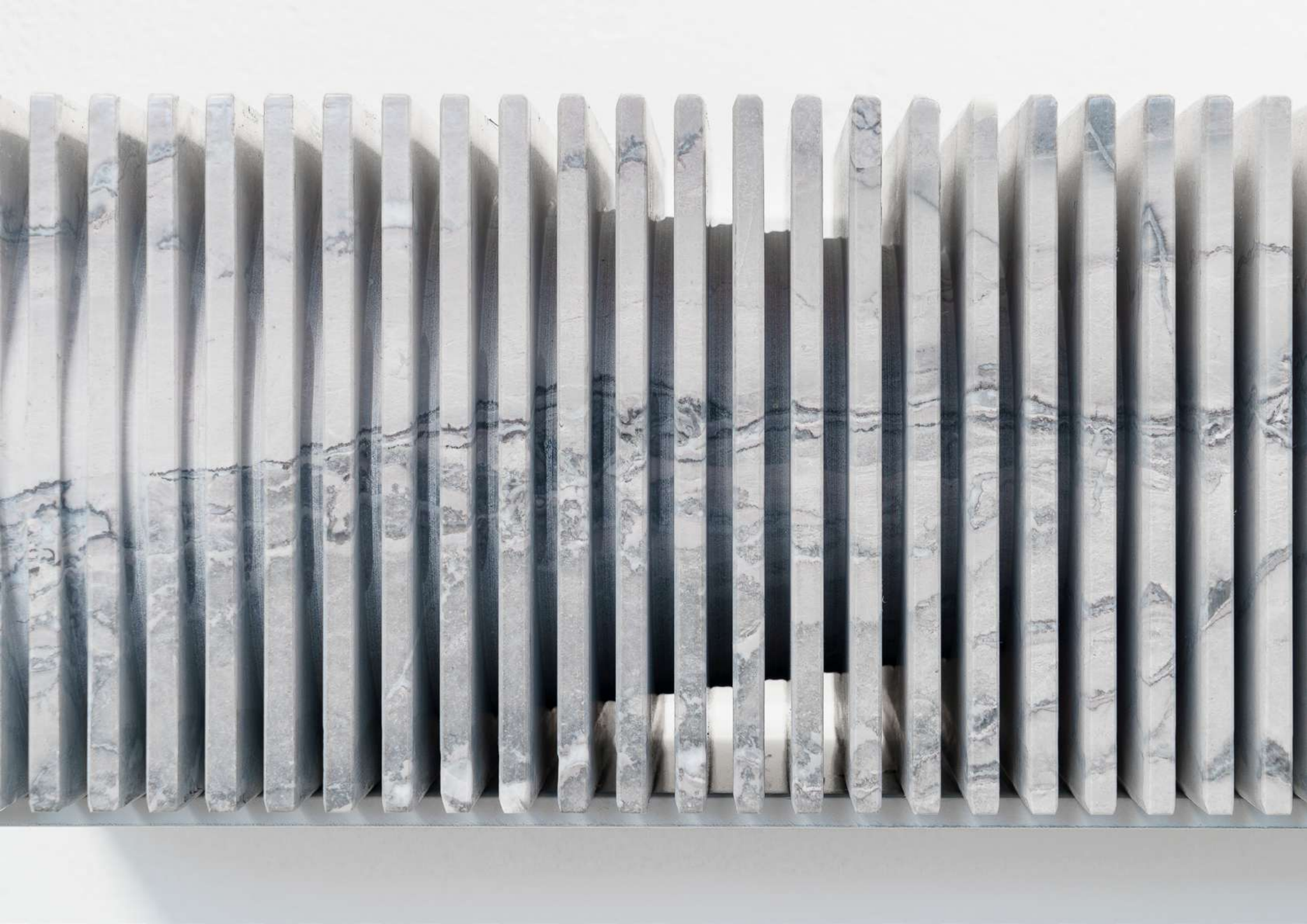
Tomás Saraceno
HBC 428 b/M+W, 2024
aço inoxidável com revestimento em pó,
monofilamento e painéis de madeira
dimensões variáveis

Brígida Baltar
Casa cosmos, 2020
pó de tijolo, cola PVA
e grafite sobre papel
150 x 100 cm

mais sobre brígida baltar →



Artur Lescher
Cinético, 2022
granito
edição de 5 + 2 PA
69 x 12 x 12 cm



Laura Vinci
Triz, 2024
aço inoxidável, latão,
latão cromado, máquina
de fumaça e fumaça
90 x 92 x 98 cm

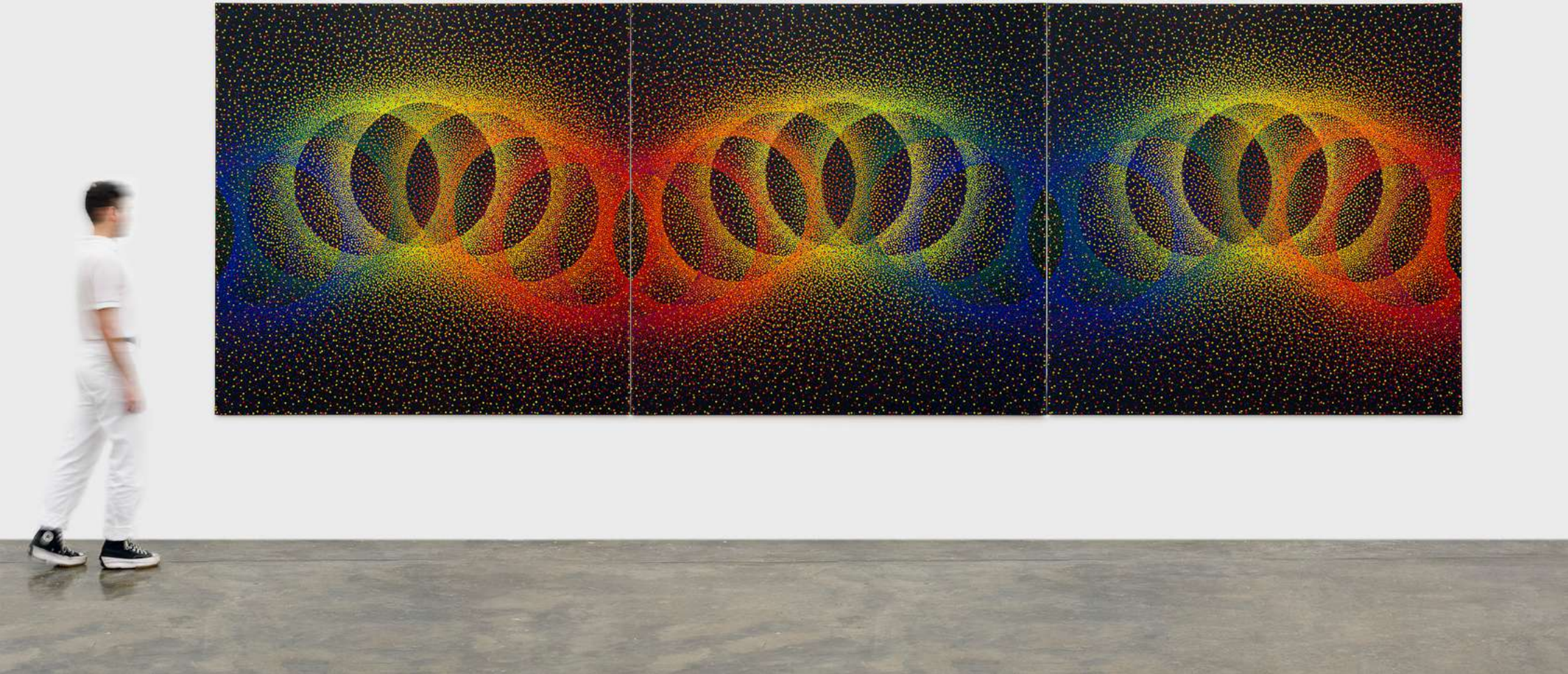
mais sobre laura vinci →

Heinz Mack
Open Bronze Cube, 2001
bronze patinado e polido
4 partes de 71 x 71 x 70 cm (cada) |
Suporte: 10 x 35 x 35 cm | Base: 4,5 x 115 x 115 cm |
Pedestal: 30 x 55 x 55 cm

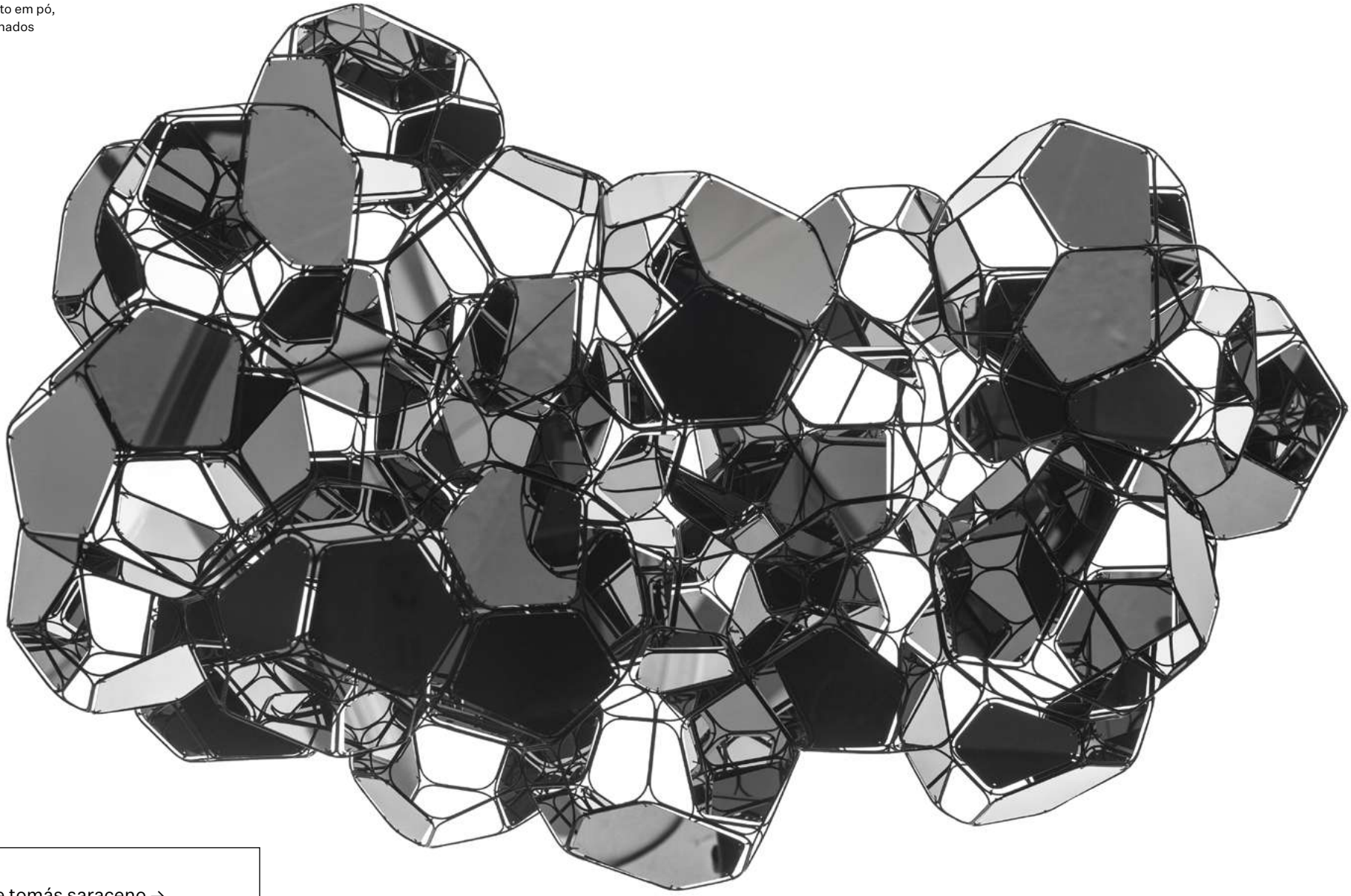
mais sobre heinz mack →

Julio Le Parc
Alchimie 396, 2018
acrílica sobre tela
3 partes de 200 x 200 cm (cada)

mais sobre julio le parc →



Tomás Saraceno
Cumulonimbus incus praecipitatio/M+M, 2024
aço inoxidável com revestimento em pó, monofilamento e painéis espelhados
54 x 117 x 68,5 cm



mais sobre tomás saraceno →

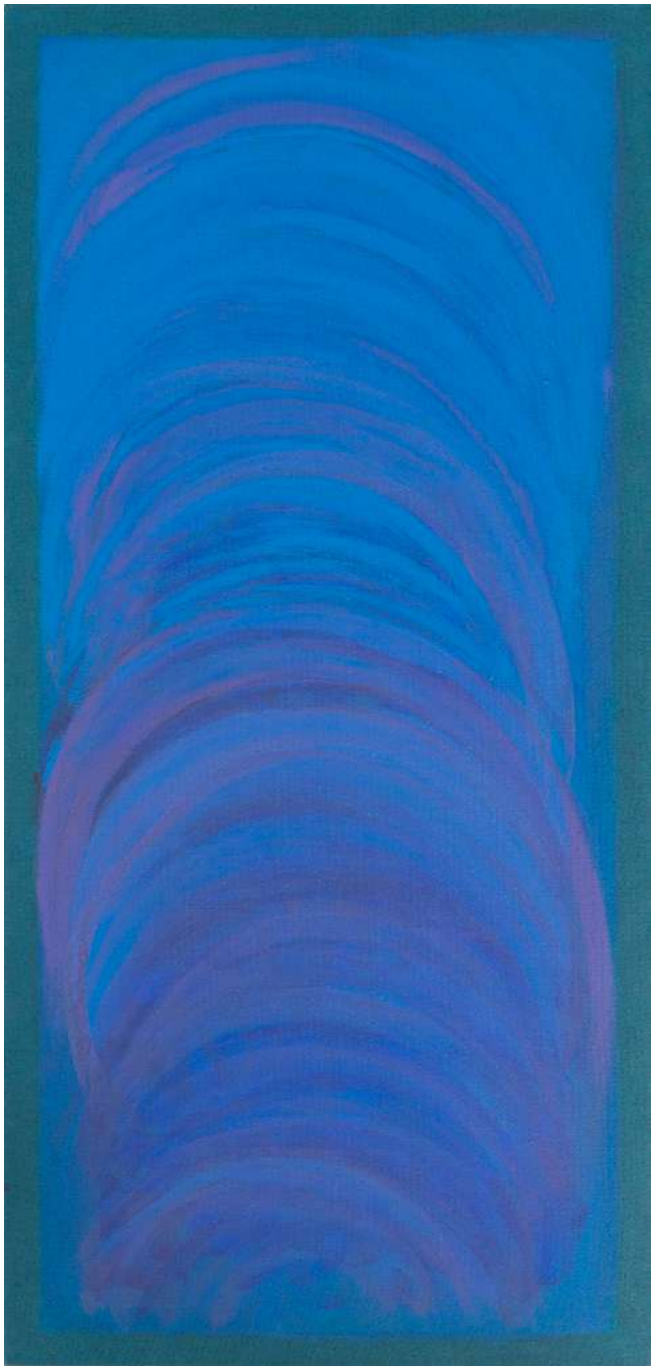
Bruno Dunley
Música da Origem I (para Luis), 2025
tinta óleo sobre tela
104 x 70 cm

Bruno Dunley
Música da Origem
II (para Luis), 2025
tinta óleo sobre tela
104 x 70 cm

mais sobre bruno dunley →

Amelia Toledo
Espiral (série Campos de cor), 2006
tinta acrílica sobre linho
129,8 x 130,5 cm

Amelia Toledo
Espiral (série Campos de cor), sem data
tinta acrílica sobre linho
200,1 x 95,4 cm

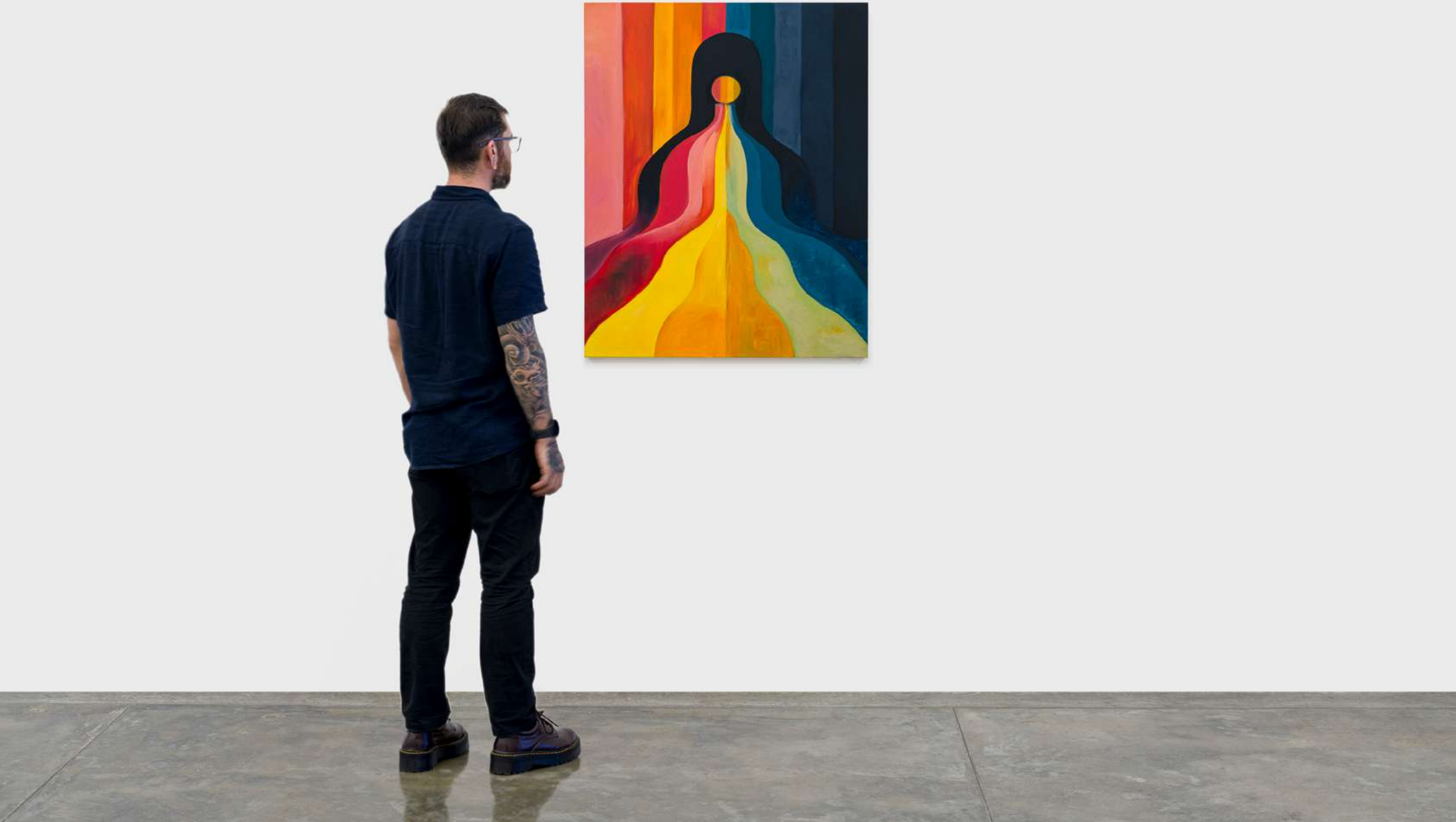


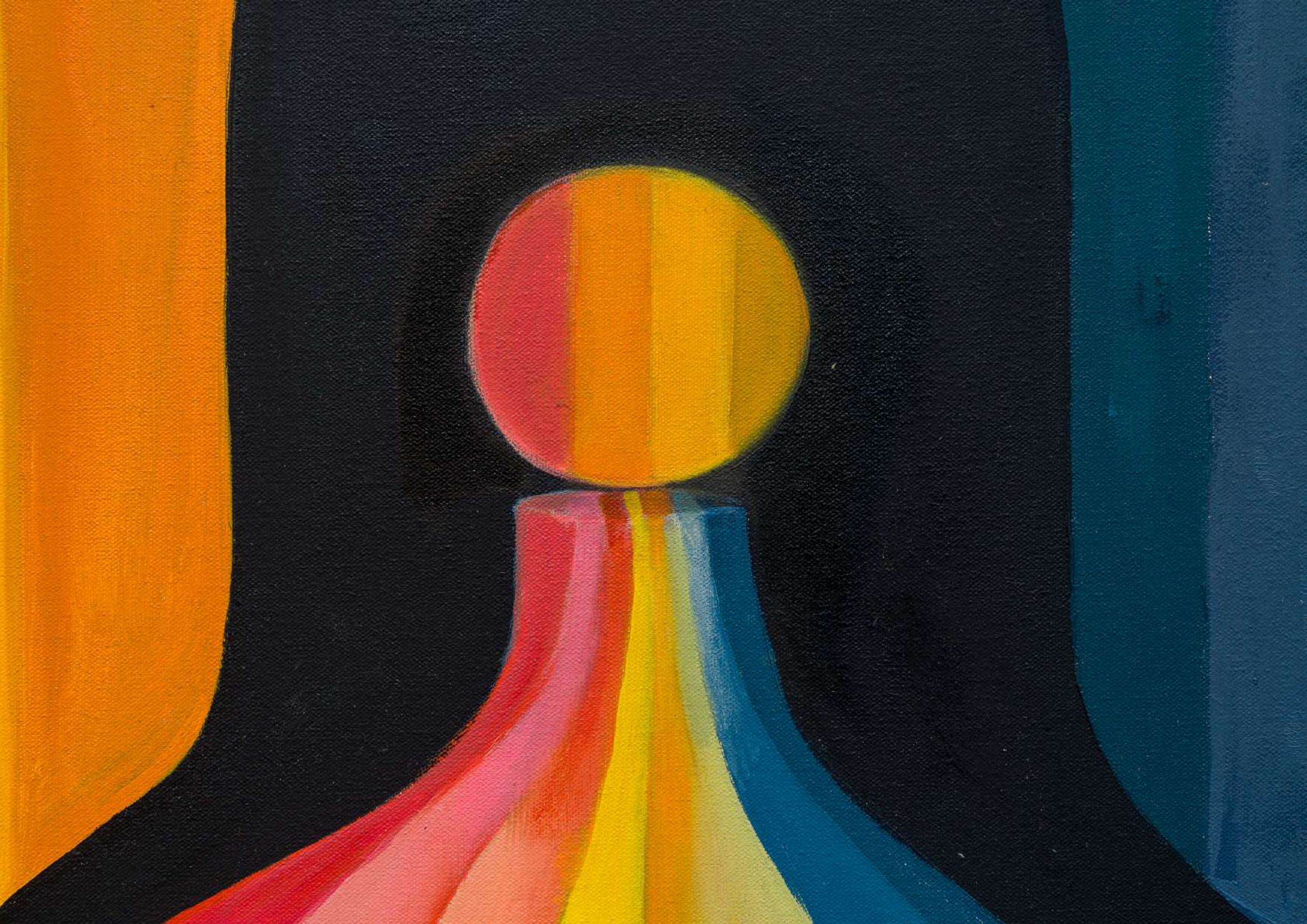
mais sobre amelia toledo →

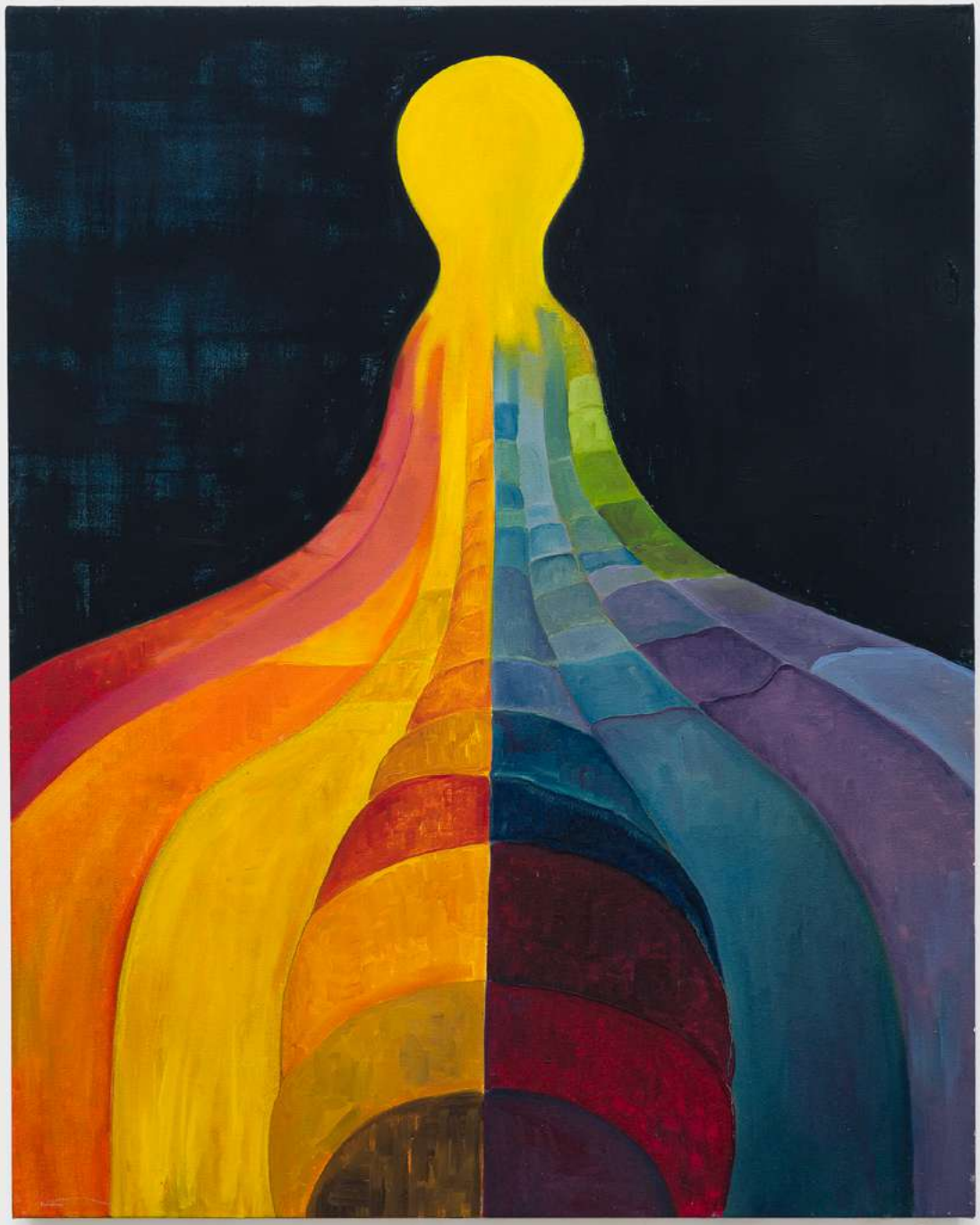
Mo Toledo
Tempos Enrolados, 2016
nanquim, aquarela e tinta
guache sobre papel
36 x 51 cm

Mo Toledo
Plantação, 1971
nanquim, aquarela e tinta
guache sobre papel
20 x 43,5 cm

Mônica Ventura
III, da série Iná, 2025
tinta óleo sobre tela
100 x 80 x 3,5 cm

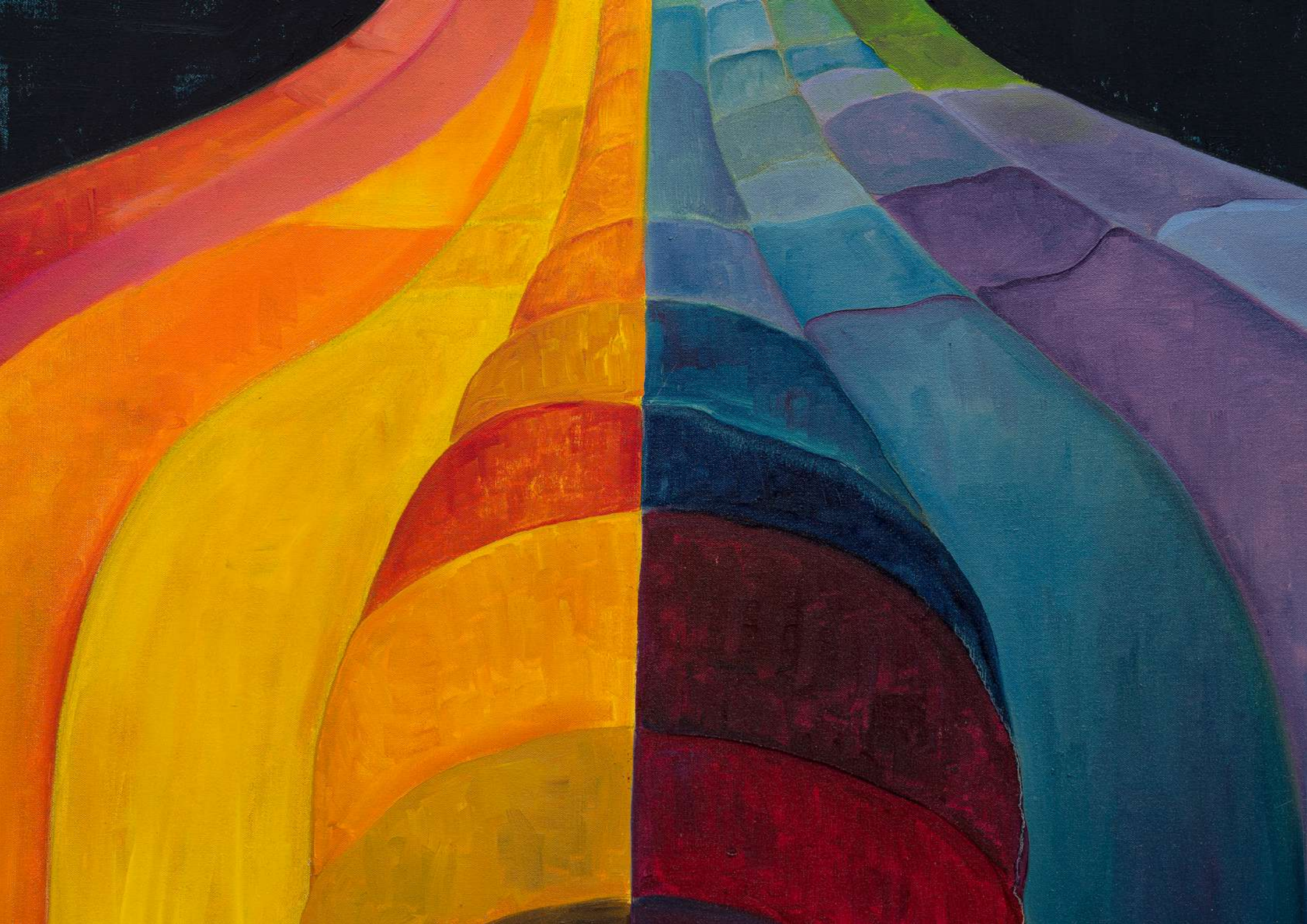






Mônica Ventura
IV, da série Iná, 2025
tinta óleo sobre tela
100 x 80 x 3,5 cm

mais sobre mônica ventura →



abraham palatnik

n. 1928, Natal, Brasil
m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir do final da década de 1940, momento em que cria seu primeiro Aparelho cinecromático (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Integrou também, a partir de meados da década de 1950, o Grupo Frente, vertente carioca do Construtivismo brasileiro, ao lado de artistas como Lygia Pape e Ivan Serpa, e críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

clique para ver o cv completo

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Abraham Palatnik: O sismógrafo da cor*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
- *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
- *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
- William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

rodolpho parigi

n. 1977, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Rodolpho Parigi integra a nova geração de artistas brasileiros que despontou a partir dos anos 2000. O trabalho do artista se faz no espaço limite entre abstração e figuração agenciando uma série de referências que vão desde a tradição da história da arte, com especial atenção à corporeidade barroca de Rubens, mas passa pelo design gráfico, publicidade, ilustrações científicas, cultura pop, pranchas de anatomia e música. Essa última, junto com a dança, é responsável por orquestrar a dinâmica dos gestos que criam suas figuras, ainda que o resultado se verifique muito mais no dinamismo das formas e da estrutura do que nas marcas do pincel sobre a superfície.

Rodolpho Parigi opera uma transfiguração singular calcada no excesso em que fragmentos de imagens e formas das mais diversas origens configuram-se na tela pelo uso de cores saturadas e luminosas que enfocam um futurismo retrô. O controle na execução e a organização apurada da composição provém de estratégias ornamentais que negam qualquer perspectiva tradicional e não deixam o olho descansar, levando-o a percorrer incessantemente o quadro. Nas pinturas de Parigi o *high tech*, presente na temática, encontra o virtuosismo da centenária técnica da pintura a óleo; assim como o orgânico, que não diferencia homem e animal, funde-se com a artificialidade da máquina, criando um provocativo efeito de estranhamento.

clique para ver cv completo

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Volumens,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Latexguernica*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Fancy Performance*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2017)
- *Levitação*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *El Bestiario*, Sketch, Bogotá, Colombia (2014)
- Casa Modernista, São Paulo, Brasil (2013)
- *Febre*, Pivô, São Paulo, Brasil (2013)
- *AtraQue*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Da humanidade: 100 artistas do acervo*, Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil (2020)
- *Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Unanimous Night*, Contemporary Art Centre (CAC), Vilnius, Lituânia (2017)
- *LOL Levels of Life 1-2*, Artspace, Auckland, Nova Zelândia (2014)
- *Works on Paper*, Rabitthole Space, Nova York, EUA (2011)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado (MAB-FAAP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

tomás saraceno

n. 1973, San Miguel de Tucumán, Argentina
vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Com base nos mundos da arte, arquitetura, ciências naturais e engenharia, as esculturas flutuantes, os projetos comunitários e as instalações interativas de Tomás Saraceno propõem maneiras novas e sustentáveis de habitar e sentir o ambiente. Há mais de duas décadas, ele explora a possibilidade de uma futura existência aérea como parte de seu projeto *Air-Port-City / Cloud City*, uma utopia de metrópoles voadoras composta de plataformas habitáveis, semelhantes a células, que migram e se recombinam tão livremente quanto as próprias nuvens. Com base nas propostas e teorias progressistas apresentadas por R. Buckminster Fuller, Gyula Kosice, Yona Friedman e outros arquitetos visionários que o antecederam, Saraceno desenvolve propostas e modelos envolventes que convidam os espectadores a conceituar formas inovadoras de viver e interagir uns com os outros e com o ambiente em geral.

Esses projetos deram origem à comunidade artística internacional e interdisciplinar Aerocene, que busca criar um ambiente sem fronteiras e sem combustíveis fósseis. Como parte dessa comunidade, em 2015, Saraceno alcançou o recorde mundial do primeiro e mais longo voo tripulado totalmente solar certificado. Seu profundo interesse por aranhas e suas teias levou à formação da equipe Arachnophilia no Studio Tomás Saraceno, gerando a criação do Arachnophilia.net e do aplicativo Arachnomancy. Por meio dessas plataformas, Saraceno convida pessoas de todo o mundo a tecer a rede de compreensão interespécies e a participar do desafio de Mapeamento contra a Extinção. Na última década, ele colaborou com o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o Instituto Max Planck, a Universidade Tecnológica de Nanyang, o Imperial College London e o Museu de História Natural de Londres. Com ênfase na interação colaborativa, ele também se tornou a primeira pessoa a escanear, reconstruir e reimaginar os habitats espaciais entrelaçados das aranhas, e possui a única coleção tridimensional de teias de aranha existente.

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Tomás Saraceno in Collaboration: Web(s) of Life*, The Royal Parks, Serpentine South Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *ARIA*, Palazzo Strozzi, Florença, Itália (2020)
- *More than Humans*, Museo Nacional Thyssen Bornemisza, Madrid, Espanha (2019)
- *ON AIR*, Palais de Tokyo, Paris, França (2018)
- *Tomás Saraceno: Thermodynamic Imaginaries*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *What the Night Tells the Day,* Fundación Proa, Buenos Aires, Argentina (2024)
- *After Rain*, Diriyah Contemporary Art Biennale 2024, Riyadh, Arábia Saudita (2024)
- *Widening the Lens: Photography*, Ecology, and the Contemporary Landscape, Carnegie Museum of Art, Pittsburgh, EUA (2024)
- *Crawley Creatures*, Rijksmuseum, Amsterdam, Países Baixos (2022)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Boros Collection, Berlim, Alemanha
- Walker Art Center, Minneapolis, EUA
- Nationalgalerie, Berlim, Alemanha
- Miami Art Museum, Miami, EUA
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA

tomie ohtake

n. 1913, Kyoto, Japão
m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Sua carreira como artista plástica começou na década de 1950, sob a orientação do artista japonês Keiya Sugano. Após uma fase inicial voltada para estudos figurativos em pintura, passou a explorar o abstrato. Durante esse período, criou uma série de trabalhos conhecidos como "pinturas cegas", em que pintava com os olhos vendados. Tal prática foi sugestão do crítico Mário Pedrosa, um dos principais teóricos do movimento neoconcreto brasileiro, enfatizando a sensibilidade e a intuição em sua prática.

Em suas pinturas de meados da década de 1970 até a década de 1980, Ohtake desenvolveu um estilo distinto e inigualável de abstração figural. As suas magníficas obras, caracterizadas por formas redondas e orgânicas que preenchem o campo visual, são executadas com sutis gradações de tonalidade e extensões monocromáticas. Com isso, ela transformou o legado do modernismo brasileiro em um dos repertórios mais eloquentes da pintura tardo-moderna das Américas. Foi durante esse período que o trabalho de Ohtake assumiu uma dimensão cósmica, impulsionando sua transição para a escultura e o espaço real.

Ao longo de sua extensa carreira, Tomie Ohtake participou de 20 bienais internacionais - incluindo seis em São Paulo, onde recebeu o Prêmio Itamaraty, além da Bienal de Veneza, Tóquio, Havana e Cuenca, entre outras. Seu portfólio inclui mais de 120 exposições individuais (em São Paulo, outras vinte capitais brasileiras e cidades como Nova York, Washington DC, Miami, Tóquio, Roma e Milão) e cerca de 400 coletivas, no Brasil e no exterior. Recebeu ainda 28 prêmios ao longo de sua vida.

← voltar para obras

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Visible Persistence*, Nara Roesler Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Open Ended: SFMoMA's Collection – 1900 to now,* SFMoMA, San Francisco, EUA (2024)
- 60ª Bienal de Veneza*, Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere,* Veneza Itália (2024)
- *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940–70,* Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Surface Work*, Victoria Miro, London, United Kingdom (2018)
- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
- *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection,* Art Museum of the Americas, Washington DC, EUA (2013)

selected collections

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- M+, Hong Kong
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), São Francisco, EUA
- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- Mori Art Museum, Tokyo, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

artur lescher

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

O paulistano Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. Há mais de trinta anos, ele apresenta um sólido trabalho, resultado de uma pesquisa em torno da articulação entre matéria, forma e pensamento. São trabalhos que excedem o caráter de escultura e cruzam as linguagens da instalação e do objeto, a fim de modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem. Ao mesmo tempo que sua prática está atrelada a processos industriais, sua produção não tem por único fim a forma. Ao escolher nomear obras como *Rio Máquina*, *Metamérico* ou *Inabsência*, Lescher sugere narrativas, por vezes contraditórias ou provocativas, que abrem espaço para o mito e a imaginação.

Lescher obteve reconhecimento no âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste no diálogo estabelecido entre dois balões de ar quente, cada um com onze metros de comprimento. Um deles se habitava o interior do pavilhão da mostra, e o outro, a área externa. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais resistentes como metal, pedra, madeira, latão e cobre a outros que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade, ou "a inquietude", como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a "suas peças, contrariando suas aparências exatas e limpas, passa-nos uma sensação de inquietude, como se nós, espectadores, estivéssemos na iminência de assistir a irrupção de algo, (...), que pode desembocar na violência, no atracamento de materiais, na deformação de um corpo, rastros de uma ação já encerrada."

← voltar para obras

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Artur Lescher*, Instituto Artium, São Paulo, Brasil (2023)
- *Observatório*, Farol Santander, Porto Alegre, Brasil (2022)
- *Artur Lescher: Suspensão*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2019)
- *Asterismos*, Almine Rech Gallery, Paris, França (2019)
- *Porticus*, Palais d'Iéna, Paris, França (2017)
- *Inner Landscape*, Piero Atchugarry Gallery, Pueblo Garzón, Uruguai (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *3rd Forever is Now,* Pirâmide de Gizé, Egito (2023)
- *Form Follows Energy*, Lago / Algo, Cidade do México, México (2022)
- *Tension and Dynamism Atchugarry Art Center*, Miami, EUA (2018)
- *Mundos transversales – Colección permanente de la Fundación Pablo Atchugarry, Fundación Pablo Atchugarry*, Maldonado, Uruguai (2017)
- *Everything You Are I Am Not: Latin American Contemporary Art from the Tiroche DeLeon Collection*, Mana Contemporary, Jersey, EUA (2016)
- *El círculo caminaba tranquilo*, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina (2014)
- *The Circle Walked Casually*, Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Philadelphia Museum of Art, Filadélfia, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

cao guimarães

n. 1965, Belo Horizonte, brasil
vive e trabalha em Montevidéu, Uruguai

Os trabalhos de Cao Guimarães são peças audiovisuais expandidas, frequentemente estabelecidas no trânsito entre a película, a partir do uso de Super-8, e o vídeo. Desse modo, sua obra constrói fortes conexões com as artes visuais, sem, contudo, filiar-se de modo determinante a nenhum grupo ou vertente específica. O artista cria, ainda, um inventário de momentos variados e visualmente marcantes da vida cotidiana. Seja capturando a utopia inóspita de Brasília, formigas carregando confetes no fim do carnaval, ou bolhas de sabão flutuando pelos corredores de uma casa vazia, seus trabalhos expandem a ideia e o vocabulário da forma documental através dos meios utilizados.

O artista também trabalha com fotografia, como é o caso da série *Gambiarras*. Sua habilidade de improvisação dá origem a momentos de estranhamento e fascínio capazes de deslocar nosso olhar para objetos e situações comuns, ressignificando-os a partir da exploração da duração e do foco. A prática fotográfica de Guimarães não se distancia muito de sua produção audiovisual. Ambas partem de premissas documentais daquilo que nos parece habitual. Mesmo a ausência de movimento, característica da imagem fotográfica, é compensada pela sequencialidade e justaposição a outras imagens, compondo séries que poderiam ser fragmentos, ou *frames*, de um filme do artista.

Seus filmes foram exibidos em inúmeros festivais, no Brasil e no exterior, tais como Berlin International Film Festival (2014); Sundance Film Festival (2007); Cannes Film Festival (2005); Rotterdam International Film Festival (2005, 2007 e 2008), entre outros.

← voltar para obras

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Cao Guimarães - Ciclo de filmes*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), São Paulo, Brasil (2020)
- *Espera*, Instituto Moreira Salles – Paulista (IMS-Paulista), São Paulo, Brasil (2018)
- *Ver é uma fábula*, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), Fortaleza, Brasil (2018); Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2013); Galerie Anita Beckers, Frankfurt am Main, Alemanha (2013)
- *Estética da gambiarra*, Sesc Interlagos (2015), São Paulo, Brasil (2015)
- *Cao Guimarães*, Museu de Arte da Pampulha (MAP), Belo Horizonte, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Arqueologias do presente*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- 7ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea, Espanha (2018)
- *Art and Space*, Guggenheim Bilbao Museum, Bilbao, Espanha (2017)
- *Video Art in Latin America*, II Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA), LAXART, Hollywood, EUA (2017)
- 34º Panorama da Arte Brasileira, Brasil (2015)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Somerset House, Londres, Reino Unido (2012)

coleções selecionadas

- Fondation Cartier Pour L'art Contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

mônica ventura

n. 1985, São Paulo, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Mônica Ventura é uma artista visual e designer, formada em Desenho Industrial pela FAAP, e mestre em Poéticas Visuais (PPGAV) pela ECA-USP, cujo trabalho investiga as complexas intersecções entre o feminino e a racialidade. Através de uma pesquisa aprofundada, a artista resgata e reinterpreta elementos culturais pré-coloniais como a arquitetura e as técnicas de trabalho manuais dos povos afro-ameríndios. Para Ventura, esse mergulho em saberes ancestrais é uma forma de reconexão pessoal. “A ancestralidade é uma chave para lembrarmos de quem somos e de seguir se desvinculando do plano colonizador que visa polir a individualidade”, explica.

Sua prática multidisciplinar abrange vídeo, escultura e pintura, permitindo-lhe transitar entre o espiritual e o concreto, e dar voz às experiências multifacetadas das mulheres negras, com um olhar que combina força e a delicadeza do feminino. Ao desafiar o formalismo estético, Ventura cria um “belo ruído organizado”, que convida o público a refletir sobre identidade, memória e poder.

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *A Noite Suspensa ou o que posso aprender com o Silêncio,* Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil (2023)
- *O Sorriso de Acotirene*, Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *Cantando Bajito: Incantations*, Ford Foundation, Nova York, EUA (2024)
- *Encruzilhadas da Arte Afro-brasileira*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, Brasil (2023)
- *Brasil Futuro: Formas da Democracia*, Museu da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Enciclopédia Negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Histórias Feministas*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2019)

coleções selecionadas

- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil

paulo bruscky

n. 1949, Recife, Brasil

Paulo Bruscky é um dos expoentes da arte conceitual no Brasil e um dos principais precursores de diversas manifestações que envolvem arte, tecnologia e comunicação. Sua prática artística, baseada na ideia de arte como informação, é marcada pelo experimentalismo constante, resultando em um corpo de obras plural, composto por poesias visuais, livros de artista, performances, intervenções urbanas, filmes em Super-8 e trabalhos em novas mídias. A produção de Bruscky é também caracterizada pelo conteúdo de contestação social e política, resultado da sua postura crítica e militante, em parte concebida em contestação à ascensão de governos militares e o consequente estabelecimento de severos regimes ditatoriais em diversos países latino-americanos, incluindo o Brasil, durante um período que coincidiu com o início de sua trajetória.

Bruscky iniciou sua pesquisa no campo da arte conceitual nos anos 1960, participando, no final da década, do movimento poema/processo, por meio do qual estabeleceu contato com Robert Rehfeldt, membro do grupo Fluxus. Introduzido por Rehfeldt ao circuito internacional da Arte Postal, Bruscky ingressou no movimento em 1973, tornando-se um dos principais pioneiros dessa manifestação artística no Brasil. A partir de então, desenvolveu intenso diálogo com diversos artistas, principalmente os membros dos grupos Fluxus e Gutai, além de vários nomes da América Latina e do Leste Europeu – regiões com as quais o artista procurou privilegiar o contato, devido ao intenso processo de repressão política que os caracterizava na época. Grande parte de sua produção questiona as próprias funções da arte e as operações de seu sistema.

clique para ver cv completo

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Banco de Ideias.* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Paulo Bruscky. Eteceterate*, Fundación Luis Seoane, A Coruña, Espanha (2018)
- *Xeroperformance*, Americas Society / Council of the Americas (AS/COA), Nova York, EUA (2017)
- *Paulo Bruscky: Artist Books and Films*, 1970–2013, The Mistake Room, Los Angeles; Another Space, Nova York, EUA (2015)
- *Paulo Bruscky*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2014)
- *Paulo Bruscky: Art is our Last Hope*, Bronx Museum, Nova York, EUA (2013)
- *Ars brevis*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Ismo, Ismo, Ismo. Cine experimental en América Latina*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2019)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *L'oeil écoute,* Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Memorias del subdesarrollo: el arte y el giro descolonial en América Latina, 1960–1985,* Museo de Arte de Lima (MALI), Lima, Peru; Museo Jumex, Cidade do México, México (2018)
- 57ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (2017)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

brígida baltar

n. 1959, Rio de Janeiro, Brasil
m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

O trabalho de Brígida Baltar transita entre as linguagens do vídeo, da performance, da instalação, do desenho e da escultura. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê, localizada em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, Baltar colecionou os materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. As ações caseiras, em seguida, expandiram-se para o ambiente exterior, originando obras como a série *Coletas*, em que ela busca capturar o orvalho e a maresia, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível. Por outro lado, da poeira de tijolos resultaram, ainda, desenhos de montanhas e florestas cariocas feitos em papel ou diretamente sobre as paredes, entrelaçando seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas.

Muitas vezes, a artista encontrou na fabulação um método de trabalho, aproximando e incorporando o humano e o animal, redefinindo nossa relação com o universo natural em trabalhos como *Maria Farinha*, *Casa de Abelha* e *Voar*. A relação entre corpo e abrigo, uma das tônicas de seu trabalho, é explicitada na série de esculturas em cerâmica dissolvidas pela artista, em que as formas de conchas do mar fundem-se com aquelas do corpo humano. No final de sua vida, a artista se debruçou sobre o bordado, produzindo trabalhos que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele, reafirmando sua habilidade de abordar conceitos filosóficos e sensações a partir de sua própria experiência pessoal.

← voltar para obras

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Brígida Baltar: Pontuações,* Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Brígida Baltar (1959-2022): To Make the World a Shelter,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Brigida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- SAM Art Project, Paris, França (2012)
- *O amor do pássaro rebelde*, Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Brigida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil,* Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Terra abrecaminhos,* Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2023)
- *Meu corpo: Território de disputa*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *A dobra no horizonte*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- 12ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2020)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d'arts et de Cultures, Grenoble, França (2019)
- *Neither-nor: Abstract Landscapes*, Portraits and Still Lives, Terra-Art Project, Londres, Reino Unido (2017)
- *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil*, New Museum, Nova York, EUA (2010)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, EUA

laura vinci

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Laura Vinci é conhecida por sua produção em esculturas, instalações de grande porte e intervenções. Sua pesquisa está baseada nas relações entre corpo e espaço, tendo como tônica a efemeridade. Em sua prática, o espaço desponta como um organismo complexo, mediador das relações entre os diversos corpos que o compõem e habitam, sem deixar de ser suscetível à constante passagem do tempo. Suas propostas buscam, justamente, investigar os processos de movimento ou alteração da matéria, evidenciando a transitoriedade dos elementos que ocupam determinado local, assim como estimular o público a ter novas percepções sobre o ambiente ao seu redor.

Vinci iniciou sua carreira em meados da década de 1980 dedicando-se, primeiro, à pintura. Nesse momento, suas telas não se voltavam à figuração, mas tentavam realizar o quase tridimensional. Em seguida, passou a se concentrar na escultura. O interesse pelas mudanças de estado da matéria aparece em sua poética tanto pela noção de erosão – como na intervenção conhecida como "ampulheta", desenvolvida para o projeto Arte/Cidade 3 (1997), em São Paulo – quanto através da ideia de condensação, que se realiza no seu trabalho com serpentinas de refrigeração que formam palavras congeladas. Essas características também se fazem presente em seu trabalho como diretora de arte no teatro. Vinci já colaborou com projetos de cenografia e figurino no Teatro Oficina. Atualmente, trabalha com a mundana companhia.

clique para ver o cv completo

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *maquinamata*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *mundana +: Medeamaterial, mundana cia*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2019)
- *Todas as graças*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Papéis avulsos*, Art Center/South Florida, Miami, EUA (2014)
- Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, Portugal (2010)
- *Warm White*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *El Dorado: Myths of Gold,* Americas Society, Nova York, EUA (2023)
- *Máquina do mundo: Arte e indústria no Brasil, 1901-2021*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *O rio dos navegantes*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art*, São Paulo, Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- Exposición 13, La Conservera, Murcia, Espanha (2014)
- *Beuys e bem além, ensinar como arte*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)
- 26ª Bienal de São Paulo, Brasil (2004)

coleções selecionadas

- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

heinz mack

n. 1931, Lollar, Alemanha
vive e trabalha entre Mönchengladbach, Alemanha e Ibiza, Espanha

Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel. Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria a se juntar Gunther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial. O próprio artista sintetiza: "O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos."

O trabalho de Heinz Mack caracteriza-se por estabelecer relações inovadoras com a luz. Tomando-a como matéria, ele identifica e explicita os modos como ela afeta e é afetada pelo movimento, pelo espaço e pela cor. Tendo esses preceitos como núcleo de sua prática, o artista tem desenvolvido de forma rigorosa e arguta um conjunto de obra multifacetado que continuamente aponta para novos horizontes na arte.

clique para ver o cv completo

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *The light in Me,* Osthaus Museum, Hagen, Alemanha (2023)
- *Vibration of Light*, Biblioteca Nazionale Marciana, Veneza, Itália (2022)
- *Paragold*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Taten Des Lichts: Mack & Goethe*, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
- *Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture*, 1994–2016, Palais SchönbornBatthyány, Viena, Áustria (2016)
- *Mack – Just Light and Color*, Sakip Sabanci Museum, Istambul, Turquia (2016)
- *Heinz Mack – The light of my colors*, Museum Ulm, Ulm, Alemanha (2015)
- *Mack – The Language of My Hand*, Museum Kunstpalast, Düsseldorf, Alemanha (2011)
- *Heinz Mack – Licht der ZERO-Zeit*, Ludwig Museum im Deutschherrenhaus, Koblenz, Alemanha (2009)

exposições coletivas selecionadas

- *Parallel inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)*
- *The Sky as Studio – Yves Klein and his contemporaries*, Pompidou Metz, Metz, França (2021)
- *New Beginnings: Between Gesture and Geometry*, Georgem Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)
- *Facing the Future. Art in Europe, 1945–1968*, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda (2015)
- *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950s–60s*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2015)
- *The Sky Over Nine Columns*, Bienal de Veneza, Itália (2014)
- 35th Venice Biennale, Itália (1970)
- *Documenta II* (1959) and *Documenta III* (1966), Kassel, Alemanha

coleções selecionadas

- Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate, Londres, Reino Unido

julio le parc

n. 1928, Mendoza, Argentina
vive e trabalha em Cachan, França

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em *assemblages*, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi cofundador do Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960–1968), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

clique para ver o cv completo

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Julio Le Parc: The Discovery of Perception,* Palazzo Delle Papesse, Siena, Itália (2024)
- *Julio Le Parc: Couleurs,* Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Quintaesencia,* Museo de Arte Contemporáneo Atchugarry (MACA), Punta del Este, Uruguai (2023)
- *Julio Le Parc: Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
- *Julio Le Parc 1959*, Metropolitan Museum of Art (Met Breuer), Nova York, EUA (2018)
- *Julio Le Parc: Da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
- *Julio Le Parc: Form into Action*, Perez Art Museum, Miami, EUA (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Electric Dreams: Art and Technology Before the Internet,* Tate Modern, Londres, Reino Unido (2024)
- *Parallel Inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthal Rotterdam, Rotterdam, Países Baixos (2018)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, II Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA), Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)
- *Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
- *The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2016)

coleções selecionadas

- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA
- Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

bruno dunley

n. 1984, Petrópolis, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

No universo pictórico de Bruno Dunley, promessas são constantemente feitas e quebradas, distendendo os limites da visualidade. Seu trabalho explora a pintura não apenas como técnica de figuração expressiva, mas busca refletir sobre a própria especificidade do meio, principalmente no que diz respeito à sua materialidade e função representativa na tradição artística. Dunley é um dos expoentes da nova e proeminente geração de pintores brasileiros e um dos fundadores do Grupo 2000e8. O coletivo de jovens artistas foi criado em São Paulo devido a um interesse compartilhado pela pintura e pela vontade de desenvolver um pensamento crítico sobre a técnica na contemporaneidade.

O processo de Dunley parte de composições rigorosamente construídas que passam por correções e alterações graduais e cuja função é revelar as lacunas e lapsos da percepção visual. Frequentemente, uma única cor predomina na superfície, o que gera uma postura meditativa diante do trabalho. Contudo, há a busca crescente por configurações mais agressivas, expressivas e contrastadas, por cores vibrantes. Em sua prática, a temática é sempre dúplice: o artista pinta influenciado pelo encontro com imagens cotidianas, assim como pelo estudo aprofundado do campo pictórico. Ambas convergem, porém, no uso pronunciado dos códigos dessa linguagem. Gestos, planos e cores fazem a representação emergir mais como um alfabeto, um território comum, em que o processo de feitura sempre está presente.

clique para ver o cv completo

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Clouds*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Virá*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *The Mirror*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2018)
- *Dilúvio*, SIM Galeria, Curitiba, Brasil (2018)
- *Ruído*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2015) e Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2013)
- *11bis Project Space*, Paris, França (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *The rains are changing fast,* The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA (2024)
- *Aberto 02,* Casa Vilanova Artigas, São Paulo, Brasil
- *Mapa da estrada: novas obras no Acervo da Pinacoteca de São Paulo*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque (CCP), São Paulo, Brasil (2020)
- *Triangular: Arte deste século*, Casa Niemeyer, Brasília, Brasil (2019)
- *AI-5 50 ANOS – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *139 X NOTHING BUT GOOD*, Park – platform for visual arts, Tilburg, Paises Baixos (2018)
- *Visões da arte no acervo do MAC USP 1900–2000*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Deserto-modelo*, 713 Arte Contemporáneo, Buenos Aires, Argentina (2010)

coleções selecionadas

- The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

amelia toledo

n. 1926, São Paulo, Brasil
m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

clique para ver o cv completo

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática,* Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (mube), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: Paisagem cromática,* Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art*, 1960–1985, Hammer Museum, Los Angeles, EUA (2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasiliana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

amelia toledo

n. 1926, São Paulo, Brasil
m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

clique para ver o cv completo

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática,* Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (mube), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: Paisagem cromática,* Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007,* Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art*, 1960–1985, Hammer Museum, Los Angeles, EUA (2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasiliana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

mônica ventura

n. 1985, São Paulo, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Mônica Ventura é uma artista visual e designer, formada em Desenho Industrial pela FAAP, e mestre em Poéticas Visuais (PPGAV) pela ECA-USP, cujo trabalho investiga as complexas intersecções entre o feminino e a racialidade. Através de uma pesquisa aprofundada, a artista resgata e reinterpreta elementos culturais pré-coloniais como a arquitetura e as técnicas de trabalho manuais dos povos afro-ameríndios. Para Ventura, esse mergulho em saberes ancestrais é uma forma de reconexão pessoal. “A ancestralidade é uma chave para lembrarmos de quem somos e de seguir se desvinculando do plano colonizador que visa polir a individualidade”, explica.

Sua prática multidisciplinar abrange vídeo, escultura e pintura, permitindo-lhe transitar entre o espiritual e o concreto, e dar voz às experiências multifacetadas das mulheres negras, com um olhar que combina força e a delicadeza do feminino. Ao desafiar o formalismo estético, Ventura cria um “belo ruído organizado”, que convida o público a refletir sobre identidade, memória e poder.

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *A Noite Suspensa ou o que posso aprender com o Silêncio,* Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil (2023)
- *O Sorriso de Acotirene*, Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *Cantando Bajito: Incantations*, Ford Foundation, Nova York, EUA (2024)
- *Encruzilhadas da Arte Afro-brasileira*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, Brasil (2023)
- *Brasil Futuro: Formas da Democracia*, Museu da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Enciclopédia Negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Histórias Feministas*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2019)

coleções selecionadas

- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil

nara roesler

são paulo
avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro
rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york
511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art
info@nararoesler.art